

Apresentação

Que língua é essa que tem tanta fome e que vai tirando (ou repondo um a um) os espinhos da sua própria garganta? Rouca, sublime e tocante na doçura do mais íntimo foyer, ela canta à beira de um abismo, de uma perda – em sintonia. Viageira dos seus pertences (trechos de infância, lembranças de lagartixa, roubos de memória, entreveros de fronteira), ela deambula num tempo de frutos efêmeros, de estações insones, quando um nome nos espia de algum canto. É caracol com casa e tudo, recolhida e expansiva; própria e dupla.

Se se faz cigana, com guizos de atavios, ar esvoaçante e prestidigitação de quem trapaceia no léxico – tudo não passa de um esforço mimético magistral para conferir a sua mesma carne o que procura. Disfarce, performance, persona, maneira de infiltrar no tecido a digital do que apreende. Assim com a Xamã que, aos gritos, nos faz entrar no globo da morte. Assim com o doce dos “aniversários”, cuja coloração nos brinda com os “sussurros do limão no pé” e cujo festejo nos chancela a existência. Assim com os tambores da praça (ao pé do mar), cujas raízes rasgam a calçada e alcançam o Senegal. Assim com os transbordos de Botero, que brotam do toque de quem o encara, do apetite que come as cores e prova o que lhe apetece das sobras, do excesso, no regalo das formas que (por isso mesmo) nos dilatam. Enquanto arredonda as suas criaturas (humildemente o poema o sabe), Botero tanto nos engole como nos explode as sensações. E assim com o corpo grávido da mãe que mergulha, afinal, num código indecifrável.

São tantos os “nomes que abandonam seus donos para seguir a linha de um bordado”! São tantas as palavras que adiam o inútil... Na galeria dos fantasmas, será por acaso “um navio” o nosso Brasil?!

Essa, uma das línguas de fogo de Márcia Barbosa, que é pura, puríssima! Não há sequer um grão de poeira na sua água de fonte, primeira, inaugural. E se muita gente a habita é apenas para destilar (a contento) a filigrana da sua voz: Clarice, Sena, Adélia, Drummond, Sophia, Bispo do Rosário, Valéry. Márcia aprende com Escher que o pássaro que se joga nas águas retorna peixe. Que, em Martha Argerich, dois amantes se tocam. Que a dupla fome de Elza Soares é “um haikai desabusado”. Transparente e vertical, ela nos narra (à Chagall e à Lorca) a permanência (malgrado a morte) de António Gades: sopro acima das nossas cabeças, por sobre os telhados ao luar de Espanha – dois tacões inquietos entre varais e cordas de guitarras. Poesia é “lição de abandono... / sem renúncia as águas não se abriam”. “Quem vê se debate” e quem “reconhece, desvê”!

E o bandoneón de Piazzolla (com seu pavão, tigre ou cão marítimo) aterrissa nas pistas negras do LP antigo, soando entre a voz do pai, a maresia, a manhã (que avança para os tubos da noite) e os tubarões (provocados pela passagem do tempo). Que a “vida é sem paradeiro!” e que ela cava, persistente, as suas galerias! Que entre fundo e superfície “um rio corre e passa”. Ah, pudesse eu acomodar entre as vestimentas do guarda-roupa, o intangível patrimônio, o cabide do mundo que me habita!

As letras que lhe emprestam o vestido são as mesmas que a despem. Para enfrentar a morte, só o dorso palpável de folhas e tinta do animal que nos devora! Os seus dentes, as suas línguas!

Maria Lúcia Dal Farra

Pesquisadora do CNPq e poetisa (Prêmio Jabuti de Poesia 2012)